

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

N.º 6

SUMMARIO

Elogio Historico do architecto portuguez Eugenio dos Santos e Carvalho, pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Souza, pag. 81. — *Allocução do presidente d'esta Real Associação*, o socio Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, pag. 84. — *Antiguidades do conselho de Castello de Paiva*, o socio Augusto S. d'Azevedo B. Pinto Leal, pag. 86. — *Synopse dos trabalhos effectuados em 1874 pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, pelo secretario Valentim José Correia, pag. 89. — *Archeologia — Urna de incineração descoberta na Necrópolis romana de Alcacer do Sal*, pelo socio J. da Silva, pag. 91. — *Monographia da igreja Matriz da cidade de Lisboa*, pelo socio o Abbade A. D. de Castro e Souza, pag. 91. — *Chronica, Mercê da Ordem de merito scientifico*, ao socio o sr. Conselheiro João Maria Feijó, pag. 95. — *Importante descoberta archeologica feita em Roma*, pelo distincto socio correspondente, o commendador Mr. J. de Rossi, pag. 95. — *Singular particularidade da madeira que produz o solo da Irlanda*, pag. 95. — *Recente descoberta de mais dois vasos de ceramica da Grecia*, pag. 95. — *Descoberta feita na Gran-Bretanha das pedras dos altares contendo a marca do Sigilium*, pag. 95. — *Convite feito á nossa real Associação pelo Reverendissimo arcebispo de Braga para se eleger um socio architecto para o Jury que deverá julgar o projecto do collegio de S. Caetano, para aquella cidade*, pag. 95. — *Qual é o numero dos artistas que este anno concorreram á exposição das Bellas Artes em Paris*, pag. 95. — *Novo processo para serrar madeira em New-York*, pag. 95. — *Deposito da idade de bronze descoberto em França*, pag. 95. — *Collecção de instrument's de musica chinezes*, com que o socio o sr. visconde de S. Januario enriqueceu o museu archeologico do Carmo, pag. 96. — *Descoberta do nome do varão illustre do tumulo que se destruiu pertencente á igreja Matriz de Marvilla, em Santarem*, pag. 96. — *O tumulo d'el-rei D. Fernando exposto no museu do Carmo*, pag. 96.

ELOGIO HISTORICO

DE

EUGENIO DOS SANTOS E CARVALHO

Architecto Portuguez do Seculo XVIII

PRONUNCIADO NA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

NA

Sessão publica e solemne de 6 de Maio de 1875

PELO ABBADE

A. D. DE CASTRO E SOUZA

Socio da referida Real Associação

SENHORES!

Sob estas venerandas abobadas do estylo da architectura monumental e religiosa da Europa do decimo terceiro seculo, que era a *ogival* ou a nova architectura, onde a ousadia das suas proporções, e a temeridade d'essas edificações causaram uma revolução na

arte antiga: venho hoje erguer a minha fraca voz, perante esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes, o que já ousei fazer na sessão publica e solemne do dia 21 de Julho de 1868,¹ e n'este mesmo local, onde outr'ora foi capella dedicada a Sant'Anna, da qual era padroeiro *Pedro de Lima*.² A historia que é a conservadora das cousas passadas, contra a tyrannia do tempo, e contra o esquecimento dos homens, que ainda é a maior tyrannia, é tambem o deposito commum, onde vamos pesquisar as noticias.

Louvaveis são pois os intentos dos que hoje se reúnem n'este logar, para celebrar a memoria de um cidadão distincto — o militar Eugenio dos Santos e Carvalho, architecto civil portuguez. O elogio historico de um individuo, cuja simples biographia é uma serie de boas obras, está n'essa mesma historia. A imparcial e singela narração da vida do varão illustre posue em si mesma a verdadeira eloquencia. N'este en-

¹ Recitando — *Resumo Historico da vida de José da Costa e Silva, architecto civil.*

² Veja-se Corografia Portugueza. Tom. III a paginas 472.

comio não achareis rhetoricas aduladoras porque ellas aqui e em mim não têm logar, porém achareis noticia e verdade. Eu só ambiciono cumprir, até onde poder, o encargo pesado, que me é commettido, segundo o artigo 18.º do Regulamento interno da Real Associação dos Architectos Civis Portuguezes, já que o dever m'o fez acceitar.

Desde El-Rei o Senhor D. Affonso I o *Conquistador*, não deixaram de existir em todos os tempos homens distinctos, na estatuaría, na pintura e na architectura.

Os reinados dos Senhores D. João I, de *Boa Memoria*, de D. Manuel, o *Affortunado*, e de D. João, o *Piedoso*, viram florescer entre nós estas artes. Mas as artes, e quasi que o espirito da nacionalidade, iam desaparecendo de entre nós durante o dominio estrangeiro: graças porém a um rei portuguez, o primeiro da Augusta Casa de Bragança, o *Restaurador*, a nacionalidade e as artes foram salvas, arrancando este bello paiz ao jugo estrangeiro, protegendo os artistas, e despertando o amortecido amor da patria, durante aquella epocha infausta de 1580 a 1640. Este monarcha protegeu com munificencia real os artistas, e preparou o reinado felicissimo para as artes do Senhor D. João V, o Protector das sciencias, das artes liberaes, e dos officios mechanicos; o qual depois da paz de Utrecht, em 1713, mandou construir obras maravilhosas, como os edificios de *Mafra*, o *Aqueducto das Aguas Livres*, e outras, as quaes fizeram brotar tantos talentos nos nossos portuguezes; lhes abriu novo caminho para seu aperfeiçoamento, mandando a Roma, que desde Augusto até Constantino, foi a mãe das bellas artes, muitos alumnos, e erigindo ali uma academia em tudo digna do seu magnifico coração, aonde eram ensinados os pensionarios da corôa portugueza. Com o andar dos tempos, e conforme o mister de governar o permittia, foram as artes ora prosperando, ora minguando.

Todavia a sciencia, a arte de governar, que hoje chamâmos *politica*, teve sempre por alliadas intimas e indispensaveis as lettras e as artes. Mas o tempo sempre auctor de novidades não cuidadas trouxe uma repentina que foi o terrivel phenomeno e seguido incendio do primeiro de Novembro de 1755.¹ Verdade é que a uma epocha de decadencia succede muitas vezes outra epocha de restauração, apparecendo um genio bemfazejo, que lhe paralysa o impeto. O Senhor Rei D. José I que em 7 de Setembro do anno de 1750 tomara o sceptro, já com mãos robustas, e subira ao throno com passos muito firmes, querendo reedificar a cidade de Lisboa, depois da destruição d'ella pelo suc-

cesso lamentoso e funesto, já referido, deu vasto campo aos artistas portuguezes, como a Eugenio dos Santos e Carvalho, e outros, a fim de poderem desenvolver os seus talentos, como attestam as suas obras, que aformoseam a nova cidade de Lisboa.

Eugenio dos Santos e Carvalho nasceu no anno de 1696, na villa de Aljubarrota, uma legua de Alcobaça para o Poente, de que ha tradição ter sido antigamente cidade, na proximidade da qual em 14 de agosto de 1385 o exercito portuguez, commandado pelo 2.º Condestavel de Portugal D. Nuno Alvares Pereira (o fundador d'este vetusto edificio, em 1389, aonde agora nos achamos;) e ás ordens do Senhor D. João I, rei de Portugal, ganhou tão gloriosamente a batalha contra as armas de Castella, que para sempre firmou o throno, e seguiu a corôa ao rei de *Boa Memoria*, que estabeleceu leis justas e proveitosas. Santos e Carvalho pertencia á illustre familia dos Carvalhos e Negreiros, sendo tambem quinto neto de Christovão Fernandes de Carvalho, capitão-mór de S. Vicente da Beira, e descendente de D. Gil Fernandes de Carvalho, que se achou, em 1340, na batalha do Salado com o Senhor D. Affonso IV, e depois alferes d'El-Rei, o Senhor D. Fernando I e sexto Mestre da Ordem Militar da Cavallaria de S. Thiago da Espada, a qual governou vinte annos. A nobreza do sangue é fortuna do nascimento, a da sabedoria é merecimento da pessoa; e quem tomar bem as medidas, sempre ha de achar, que o merecimento é mais honrado que a fortuna. Seus paes que da sua viveza concebiam grandes esperanças, lhe fizeram frequentar os estudos, que então havia em Portugal, na villa da Batalha, e no Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, dos Religiosos Dominicos, fundado em 1388; em que aproveitou quanto era de esperar de uma indole tão feliz, e de talento tão precoce. Terminado o curso dos seus estudos, veio á corte, e como nobre, que era, seguiu os preconceitos da sua classe, abraçando a vida militar, seguindo a engenharia e a architectura civil.

No regimento dos mestres architectos dos Paços Reaes de 16 de Janeiro de 1689, na parte em que trata do ensino da architectura civil nos capitulos 7.º, 9.º e 10.º fallam no que diz respeito aos architectos mestres, e aos aprendizes.¹ O Tribunal da Real Casa das Obras era tão antigo como o reino, e mandava que o architecto ensinasse quatro aprendizes, e isto foi confirmado por alvará do anno de 1754. Santos e Carvalho foi um dos quatro aprendizes da Casa das Obras, e deu tão boa conta da sua muita applicação ao estudo, que o notavel e incansavel Manuel da Maya² mestre de campo, general, e engenheiro mór do reino, o tomou

¹ Por esta fatal occasião, Jorge II Rei do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, enviou-nos soccorros em dinheiro, em mantimentos, e em ferramentas proprias para desentulhar a cidade abattida.

Era então nosso ministro na corte de Londres Martinho de Mello e Castro. Veja-se, obras de Francisco de Borja Garção Stockler, etc. Tom. I.

¹ Veja-se Systema, ou Collecção dos Regimentos Reaes, tom. III. pag. 276, e 277. Lisboa, 1875.

² De quem ali vemos o retrato collocado. No Gabinete Historico, tom. 46, pag. 244, por Fr. Claudio da Conceição, vem a biographia d'este grande servitor da nação; fallecido a 17 de Setembro de 1768.

para um dos seus ajudantes. Não teve portafólio que experimentar as longas e enfadonhas preterições por que passam os pretendentes não bem apadrinhados.

Casou com D. Francisca Thereza de Jesus, filha do major Manoel da Costa Negreiros, architecto da casa do infantado,¹ da qual teve a José Manoel Carvalho e Negreiros, que alguns annos viajou em reinos estranhos, para se aperfeiçoar nos estudos da architectura; e voltando á patria em 1776 foi nomeado segundo architecto da Casa das Obras, passando em 1803 a primeiro; teve a patente de tenente coronel engenheiro e o habito da ordem militar de S. Bento de Aviz. Também foi architecto geral dos paços reaes e do senado da camara. Era casado com D. Maria Ignacia de Antas e Negreiros e falleceu em 8 de Janeiro de 1815, tendo 64 annos de idade.² A rainha a Senhora D. Maria I decretou que elle podesse usar das armas dos *Carvalhos, Ferreiras, Saás e Negreiros*; o que já El-Rei o Senhor D. Pedro II, em 1684, havia concedido aos seus ascendentes para as usarem. D'esta antiga e illustre familia saíram artistas benemeritos como José da Costa Negreiros, habil pintor, que nos deixou obras em differentes templos d'esta capital, foi da Irmandade de S. Lucas, e morreu em 1759.

Eugenio dos Santos e Carvalho, por carta patente de 29 de Julho de 1748, foi nomeado capitão de infantaria, com exercicio de engenheiro,³ em attenção aos bons serviços que durante dezeseis annos tinha prestado na provincia do Alentejo, e pelo seu muito zelo e actividade, que mostrou nas grandes obras que fez, na casa de guardar armas, dentro da praça do antigo castello, ou cidadella da villa de Extremoz; e bem assim no hospital real da villa das Caldas da Rainha, quando o Senhor D. João V o augmentou, e enriqueceu, e como inspector da egreja, palacio e quinta de Nossa Senhora das Necessidades, fundação do referido monarcha, em 1745, de que foi architecto *Caetano Thomaz*.⁴

Dadas as providencias para o desentulho e reedificação da cidade de Lisboa, o que logo se começou pelo decreto de 3 de Dezembro de 1755, no anno seguinte de 1756, ordenou-se ao engenheiro-mór do reino, Manuel da Maya, que fizesse tirar planos de todos os bairros de Lisboa, a fim de se fazer uma planta geral para

a reedificação da cidade arruinada, e melhoramento de toda ella, formando-se grandes praças e ruas de alinhamento; d'este trabalho Manuel da Maya incumbiu a Santos e Carvalho, e outros engenheiros.

A casa de Obras Publicas foi instituida, depois da já referida catastrophe, pelo Senhor Rei D. José, e foi nomeado para seu primeiro architecto Santos e Carvalho a fim de dirigir a escola de architectura civil na Casa do Risco; visto que já n'essa época a sua reputação de architecto estava bem fundada, acceita pelo Soberrão, e seu illustrado ministerio, do qual fazia parte Sebastião José de Carvalho e Mello (feito Conde de Oeiras, e Senhor de Pombal, aos 6 de Julho de 1759); e sendo-lhe em seguida commettida a planta geral,¹ para a reedificação de uma capital, que tanto nome havia adquirido na Europa. Sobre a sua nova edificação e com madura ponderação se estabeleceram varias providencias pelos decretos de 12 de Maio de 1758, de 15 de Junho de 1759, e decreto de 15 de Novembro de 1760, para a distribuição das suas 14 ruas principais.² Sabido é que ainda os maiores sabios, como homens, erram nas suas obras, e que por mais exames, que lhes façam, nunca chegam ao ultimo grão da perfeição. Santos e Carvalho sabia perfeitamente os fins a que se propõe a architectura: que são a *solidez*, a *disposição*, e a *decoração*, como bem se observa nas suas edificações da praça denominada do Commercio, outr'ora, Terreiro do Paço; da Alfandega grande de Lisboa, que é uma das mais commodas e solidas da Europa, e são notaveis as suas duas vastas salas de abertura, sem terem columnas para firmar o seu tecto; e do Arsenal da Marinha, vastissimo edificio, o qual em si encerra a elegante e immensa *Casa* chamada do *Risco*; que da grande largura dada a esta casa não foi preciso collocar pontos de apoio, para sustentar o tecto, e que bem mostra a quanto pode chegar o talento e engenho d'este artista.³ Só estes tres referidos edificios dão a Santos e Carvalho o nome de singular architecto. Como da mesma sorte as suas reedificações do collegio de Santo Agostinho (vulgo colleginho) fundado em 1594,⁴ e do con-

¹ « Sua Magestade manda remetter a V. Mercê a planta que receberá pelo portador d'esta, feita pelo capitão Eugenio dos Santos e Carvalho e approvada pelo mesmo Senhor. Que é servido que V. Mercê a mande executar pelo mesmo empreiteiro Manoel Martinis. » Veja-se — *Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto que padeceu a Córte de Lisboa no anno de 1755* a paginas 311. Por Amador Patricio de Lisboa.

² Na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa se guarda o original do prospecto da frontaria da Praça do Commercio, que faz frente ao rio, e comprehende tres ruas que da parte do Rocio vem desembocar na referida Praça do Commercio, assignado por Eugenio dos Santos e Carvalho, e approvado pelo insigne estadista Sebastião José de Carvalho e Mello, ministro dos negocios do reino.

³ Diz a tradição, que para os edificios da Alfandega grande de Lisboa, e Arsenal da Marinha compravam-se grandes madeiras na Prussia de que se fizeram vigas de 97 palmos, e de tão extraordinaria grossura que dous homens as não abraçavam.

⁴ Que alguns auctores querem que fosse a morada dos Templarios, e outros affirmam que fora mesquita dos mouros. Veja-se

¹ Que foi o architecto da ermida do Senhor Jesus da Boa Nova, junto á Fundição de Baixo, da elegante torre do convento de N. S. da Graça (fundado no anno de 1536) cuja torre dos sinos e relogio têm columnas nichadas nos angulos; do palacio de *Martinho Velho da Rocha Oldemberg*, depois dos Condes de Barbacena, e hoje da Mitra, no Campo de Santa Clara. Foi da Irmandade de S. Lucas, e falleceu em 1750. Também teve o cargo de Inspector da Egreja e Palacio das Necessidades.

² O qual escreveu um *Curso de architectura civil*, que parou por sua morte, contendo 118 paginas.

³ Veja-se *Mappa de Portugal, antigo e moderno*, tom. III pag. 425, por João Baptista de Castro. Lisboa, 1763.

⁴ Veja-se Livro 87, fol. 257, v. de Registro de Patentes, Alvarás e Provisões do extincto Conselho de Guerra. Este Conselho foi instituido pelo Senhor Rei D. João IV no anno de 1643.

vento de Nossa Senhora da Luz, no lugar de Carnide, fundado em 1343, que pertenceu á Ordem Militar de Christo; obra vasta e magestosa, que não chegou a ultimar-se.¹ Além d'isso se fizessemos resenha de todos os seus riscos, plantas, etc., que elaborou, iríamos muito longe.

Tendo o Senhor Rei D. José largado o seu palacio antigo do Terreiro do Paço, que ali fundou, ao lado do Sul, El-Rei o Senhor D. Manuel, e depois muito ampliado, com um torreão por D. Filippe II de Castella pelo risco e desenho do celebre architecto *Filippe Terzo*, italiano; assim como os Senhores Reis seus antecessores o haviam deixado para outros usos; foi aproveitado aquelle espaço para o traçado da nova Praça do Commercio.

D'este antigo palacio real na margem do Tejo, ha uma estampa, não vulgar.² De uma das janellas do torreão d'este palacio, foi na manhã do primeiro de Dezembro de 1640 precipitado Miguel de Vasconcellos, Secretario da Duqueza de Mantua. No livro que servia na capella da Santa Casa da Misericordia d'esta côrte, no mez de Dezembro de 1640, no titulo das despesas feitas n'aquelle mez a folhas 14 estava lançada uma verba que dizia: *De uma mortalha para Miguel de Vasconcellos, 600 réis!!!* N'esta miseria e opprobrio do mundo acabou aquelle, que poucas horas antes governava, e mandava em toda a monarchia portugueza, com violencia, altivez, e soberania. El-Rei o Senhor D. José para palacio da sua residencia escolheu a elevação do terreno superior ao Tejo, e á cidade de Lisboa, que jaz entre o largo de São João dos Bem Casados, com todo o caminho que vai á Boa Morte, e d'ali até ao Rato; com as demarcações que se assignam no decreto que para este effeito passou a 12 de Julho de 1759. Ficando este sitio sendo cabeça e parte principal da côrte, e cidade de Lisboa, que por este novo plano ficaria mais extensa, regular, e decorosa. Foi Santos e Carvalho o incumbido de apresentar o plano alçado, e côrtes d'este palacio, como juntamente o do arco, chamado do *Carvalhão*. E outrosim foi encarregado de fazer um desenho para uma estatua equestre heroica d'El-Rei o Senhor D. José I, a fim de ser collocada no centro da nova Praça do Commercio. Santos e Carvalho, por sua morte, deixou os desenhos da estatua equestre e do seu pedestal, como dos dous grupos das figuras que o deviam adornar. No anno de 1770, quando se tratou de levar a effeito a estatua equestre, o architecto então da cidade o major Reynoldo Manuel dos Santos (que era muito corteirão), determinou que sobre um vidro se elucidassem os citados desenhos.³

Agiolog. Lusit. tom. I pag. 103, e tom. II pag. 424. E Santuar, Marian, tom. I, pag. 48.

¹ No estado em que ficou, tem servido para quartel de tropa, ha muitos annos.

² Que vem na obra *La Galerie Agréable du Monde* tom. I, impressa em Lyde.

³ Antonio Stoppani, maltez de nação, architecto civil, pintor

No decimo oitavo seculo em que viveu Santos e Carvalho, verdade é que a architectura ganhou em ornatos vãos o que perdeu em gravidade, em nobreza, e em espirito.

Santos e Carvalho teve muitos émulo, como era de prever; os quaes diziam: Que, em quanto á delineação da cidade nova de Lisboa, eram as suas obras uniformes pesadas, no estylo como os edificios dos Jesuitas.¹ Tão facil é notar defeitos nas obras depois de feitas, como difficil evital-os, quando ellas se emprehendem.

Para Eugenio dos Santos e Carvalho merecer a veneração dos seus confrades pela sua reconhecida intelligencia, e capacidade bastaria citar a nova forma que elle deu ás construcções da nova cidade de Lisboa; combinando por tal maneira todas as partes em que se dividem as edificações, tecendo-as primeiro de madeiras e revestindo-as de alvenaria a fim de poderem pela elasticidade d'ellas, melhor resistir aos abalos de terra, a que está disposto este nosso solo; esta nova applicação lhe dará tambem fama na sua profissão. Os architectos têm nas suas mãos a vida e os haveres dos cidadãos! Finalmente, senhores, as boas qualidades de Eugenio dos Santos e Carvalho o fariam estimar de quantos o conheciam, o seu genio vasto em conceber, espirito forte em executar, o sangue frio nas controversias artisticas (muito usadas), e não dando accesso a intriga o que muito aborrecia!

Em 6 de Julho de 1746 entrou na Irmandade de S. Lucas,² e foi Cavalleiro na Ordem militar de Christo menos vulgar então do que é agora. Correndo o anno de 1770, e com 74 annos de idade, chegou a baliza impreterivel dos seus dias de peregrinação sobre a terra, e desceu á sepultura sobre a qual depositarei a mal tecida corôa d'este elogio, tributo na verdade pequeno para o que merece a memoria do seu nome, que não pereceu. Disse.

ALLOCUÇÃO

Do presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, na sessão solemne de 6 de Maio de 1875.

Senhores, — Quando em 1863 se lançaram os fundamentos da Associação dos Architectos Civis Portuguezes

de perspectiva, e ajudante da casa do risco das obras foi quem fez esse trabalho. Veja-se Descripção analytica da execução da estatua equestre, pag. 32 e 34. Por Joaquim Machado de Castro. Lisboa, 1810.

¹ Dos padres da Companhia de Jesus, os seus edificios eram com pouca differença iguaes em perspectiva; simples quanto ao trabalho de architectura, mas abundantes os seus templos em preciosos mosaicos, jaspes, marmores, obra de talha, pintura, e alfaias.

² Foi instituida esta Irmandade no anno de 1609, sómente para architectos, pintores, escultores, e desenhadores. Porém no anno de 1808 se aniquilou de todo. Na Academia Real das Bellas-Artes de Lisboa, se guarda o *Livro do Compromisso da Irmandade de S. Lucas*; illuminado por Eugenio de Frias.

receíavam os seus socios não podesse ter vida duradoira, porque não seria considerada de grande utilidade para o paiz, visto que ainda entre nós não havia despertado o devido apreço que dão as nações civilisadas ao desenvolvimento das Bellas Artes, ficariam por esta razão os esforços dos fundadores sem colherem os necessários resultados, embora as considerações que se fizessem com justiça; e, no entretanto, não era fóra de proposito continuar em tão louvavel empreendimento, porque as associações, como a nossa, tem sido sempre consideradas nos paizes mais adiantados que o nosso; e servem por sem duvida para o adiantamento da civilisação, porque a nossa classe como sabeis, coopéra no aperfeiçoamento dos ramos das Bellas Artes, e sem artes, sem monumentos e sem construcções grandiosas para uns e confortaveis para outros, não pode haver civilisação.

Não foi infructifero o intuito, digo, pois contando nós 12 annos de existencia, já de nossos trabalhos se tem colhido algum exito, não sómente o governo portuguez, mas o publico pelas informações que nos pediram sobre construcções civis, archeologicas e estheticas, como consta das consultas que apresentamos relativamente ás alterações na Sé Velha de Coimbra; á restauração da antiga igreja de Santa Maria do Castello d'Abrantes; á demolição da igreja de S. Salvador de Coimbra; á alteração da fachada posterior do theatro de D. Maria II; ás investigações archeologicas em Cetobriga (Troia); assim como por tomar parte no jury que tinha que julgar os projectos do asylo dos cegos em Vianna, os projectos para a igreja de S. Torquato, e para a restauração da memoravel igreja de S. Miguel de Guimarães, etc.; tomando assim na devida conta, tanto o governo, como os particulares, a competência da nossa associação artistica, para apreciar previamente trabalhos architectonicos d'esta importancia, e difficeis investigações archeologicas.

Sendo abundante Portugal em materiaes de diversas qualidades, e mais principalmente de marmores, esta associação resolveu formar uma collecção d'elles, obtendo da protecção do governo que lhe fossem remettidas das differentes provincias as amostras, conforme as indicações por nós lembradas, tanto, para se saber qual a sua procedencia, preços na propria localidade, a distancia que havia do logar da exploração ás estradas reaes, e o custo do transporte, como para se calcular o estado da respectiva exploração: e por esta fórma se poderia de futuro avaliar facilmente as qualidades e os preços relativos, da madeira, tijolos, telha, adobos, saibro, areia, cal, pedra, marmore, ardosia e manilhas, consultando-se os mappas que temos publicado em o nosso jornal, onde se encontram todas as explicações necessarias para se tirar conveniente partido d'esta riqueza nacional, que até então era apenas conhecida sómente no proprio districto, e para isso mesmo havia excepções; por tanto foi egualmente outro

resultado util dos nossos esforços, e de grande importancia para a vantagem das construcções civis e dados estatísticos de bastante valia.

Por mais assiduos que fossem os nossos trabalhos, por mais frequentes que tivessem sido as nossas sessões não era sufficiente para que constasse no paiz que existia a Associação dos architectos civis portuguezes; por tanto, tornava-se necessario haver uma publicação especial artistica para tornar mais notorio o resultado de suas discussões, e dar conhecimento dos objectos archeologicos que se tivessem obtido para o museu.

Deu-se começo por esta judiciosa reflexão para ser publicado o *archivo da architectura civil*, no anno de 1865; jornal de formato infolio constando a 1.^a serie de 10 numeros com 17 estampas de maior dimensão. Não era publicação perfeita como acontece a todos no seu principio, e mais principalmente sendo illustrada com estampas, que saíam por preço elevado; além de nos faltarem recursos para uma esmerada obra: todavia no seu genero era nova esta publicação em Portugal, e não obstante a sua modesta redacção servirá para demonstrar que nos occupavamos de estudos da nossa profissão; e mais de uma vez pugnamos pelos embellecimentos da capital, outras protestamos contra o vandalismo que se propunham executar; e ainda que não fosse de grande peso a nossa voz, comtudo não deixou de ser attendida algumas vezes.

A segunda serie do jornal do *Boletim Architectonico e de Archeologia* contendo 5 numeros com 10 estampas, entre as quaes ha 3 photographias e um magnifico retrato aberto em madeira, continua a reproduzir e divulgar os trabalhos d'esta Associação, e tem merecido das publicações estrangeiras e nacionaes lisongeiras apreciações: portanto não nos temos descuidado por qualquer modo de tornar conhecida fóra e dentro do paiz a nossa existencia, apresentando trabalhos para elles serem avaliados conforme merecerem pelas pessoas competentes, que presam a *verdade* e fazem uso da sua *sabedoria* para animarem e instruir aquelles que desejam ser guiados com o unico fim de prestarem serviço á sua patria.

Ainda tinhamos um outro dever a cumprir como artistas e portuguezes, aquelle de honrar a memoria dos distinctos architectos que haviam em epocas differentes delineado fabricas, que pelo seu merecimento artistico e grandiosas concepções, deram fama a Portugal e gloria aos seus auctores, taes como obtiveram Matheus Fernandes, architecto da igreja de Nossa Senhora da Victoria na Batalha; os irmãos Ennes que edificaram esta igreja do Carmo; Botaca o Mosteiro dos Jeronymos em Belem; Frederico Ludovice o Real Palacio de Mafra; Manoel de Maia o Aqueducto das Aguas Livres de Lisboa; José da Costa e Silva o Theatro de S. Carlos e o Hospital de Runa etc.; portanto, conforme determinam os nossos estatutos de se formar uma galeria com os retratos pintados a oleo dos mais insi-

gnes architectos e de lhe tecer os seus elogios historicos, a fim de se conservar a memoria do seu nome, do seu talento e das construcções com que tinham enriquecido a sua patria; esta merecida justiça e fraternal veneração dos seus confrades, nós já temos cumprido fielmente com este tributo de admiração dado ao talento e pericia de dez de nossos collegas, passando d'esta fórma á posteridade a noticia das mais notaveis obras architectonicas executadas em Portugal por architectos nacionaes dignos de memoria. Será sem duvida mais um outro serviço que esta associação terá prestado ao seu paiz e ás artes.

Quando em 1866 se principiou igualmente a formar uma collecção archeologica, mais com o intuito de salvar do vandalismo os objectos d'arte antiga que se achavam abandonados pelo reino, do que com a ambição de possuir uma completa collecção archeologica, para o que seria mister dispôr de grandes recursos, assim como de espaço conveniente para elles se agruparem por epochas, e ficarem tambem resguardados dos rigores das estações; não obstante não faltavam as zombarias, a que estão sujeitas tôdas as innovações, pelo nosso patriotico empenho; pois geralmente se supõe que não haveria vontade persistente e bastante zelo nos trabalhos e investigações laboriosas d'esta ordem, executadas por pessoas sacrificios, quando não houvesse d'elles produzirem avultados proventos ou titulos honorificos, e unicamente quem possuísse uma sciencia infusa (a qual Deus só concede aos seus escolhidos), era dado curar de semelhante fundação, e por tanto não deviam ridicularisar taes commettimentos sendo praticados sem estas altas aspirações, tornando-se sem valor e nullos os seus resultados: todavia a Associação dos Architectos não se atemorizou com os vaticínios dos visionarios, porque fortes com as suas convicções e com os seus sentimentos patrioticos, obrando desinteressadamente com o fim de prestar serviços á sciencia, e tambem evitar a perda preciosa d'antiquallas, as quaes auxiliariam a formar-se a historia artistica do paiz, avaliando-se qual teria sido a civilização progressiva que tivera a nação portugueza: esta Associação seguiu ávante n'essa missão difficil, tendo actualmente exposto n'este Museu 1317 objectos, sem incluir as amostras dos materiaes; os quaes pertencem a diferentes epochas e são de diversas qualidades, e entre elles alguns raros, e outros unicos nos Museus conhecidos: havendo já merecido das exposições universaes da cidade do Porto e Paris *duas medalhas* por distincção.

É sem duvida ainda bastante modesta a collecção, mas attendendo a que ella conta apenas 8 annos de existencia, que lhe faltam as subvenções que em outros paizes se destinam para o augmento e engrandecimento de seus Museus e outros institutos de instrucção geral, e que aos esforços e á perseverança sómente de seus dignos socios se terem obtido estes numerosos objectos,

além de ter sido a primeira tentativa d'este genero em Portugal: deve-se esperar da imparcial justiça dos que nos favorecem e honram com a sua apreciação o reconhecer-se que alguma cousa se tem alcançado para merecer a sympathia do publico illustrado por taes esforços; e por que não obstante a sua imperfeição evitamos as repetidas censuras dos extranhos pelo vergonhoso abandono das nossas antiguidades: e tanto é verdade temos attrahido a attenção publica e a sua illustrada apreciação que, nos dias em que está patente o Museu d'esta associação vai sempre em augmento o numero das pessoas da capital e das provincias que visitam e examinam o que elle contem, assim como teem-se repetido os offerecimentos de importantes objectos para as collecções: porém a prova mais evidente de consideração que nos dispensam é a presença n'este recinto e n'esta sessão solemne de tantas pessoas illustres pelo seu nascimento e saber, e os representantes da imprensa que se dignaram assistir a esta sessão em testemunho, digo com franqueza e por ventura immodestamente, do applauso com que se seguem os nossos constantes trabalhos e os inalteraveis esforços, dos quaes o sr. secretario nos dará conta minuciosa com relação ao ultimo anno social.

Tenho pois, a grande satisfação de me congratular com os dignos socios d'esta Associação e a honra de manifestar á distincta assembléa hoje aqui reunida o resultado animador dos nossos estorços, e se começamos então a nossa temeraria empreza com pouca esperanza de ser de utilidade para a nossa arte e de subsidio para a sciencia d'archeologia, já hoje pelo numero de socios que nos auxiliam com as suas luzes e nos concedem raros objectos temos a convicção de que alcançaremos um porvir mais brilhante, prestando á architectura civil e aos estudos archeologicos maiores e mais importantes serviços.

Só me cumpre, senhores, agradecer em nome d'esta Real Associação, a qual por grande benevolencia de seus socios ainda quizeram que eu continuasse a occupar tão elevado cargo, pelo que me confesso novamente muito grato; só me cumpre emfim, o dever de implorar ás damas e cavalheiros, que nos honraram com a sua presença n'esse acto que se dignem de acceitar o nosso profundo reconhecimento e o preito sincero da nossa gratidão. Disse.

ANTIGUIDADES

O concelho de Castello de Paiva

Falla-se muito em Cintra, e ha tantas descrições, em prosa e verso, da sua villa, do seu paço real, dos seus castellos, das suas casas de campo, dos seus montes, da sua visinha Collares, da sua veiga, do seu formoso

e placido rio; que muita gente, sem nunca ir a Cintra nem a Collares, conhece tudo quanto alli ha de notável, monte por monte, monumento por monumento, pedra por pedra.

Vou arrostar contra uma opinião geralmente formada — a de que *não ha nada em Portugal que se possa comparar em frescura, em amenidade, em sitios pittorescos, á formosa Cintra.*

Sim, senhores. Tem lindas paisagens, pontos de vista arrebatadores, maravilhosos contrastes; mas não é isso rasão para que se esqueçam e despresem outras paisagens portuguezas, menos pretenciosas, muito menos falladas, e que, a muitos respeitoes, em nada cedem á decantada Cintra.

Dae um passeio fluvial, desde Aveiro até Vagos, pela formosissima ria; ou, pela mesma, desde a costa de S. Jacintho até Ovar, — mettei-vos na *diligencia* em Barcellos, marchando para o norte, e fazei uma estação no *Alto de Santa Marinha* — chegae a Vianna e fazei uma digressão pelo rio, até Ponte do Lima — tornae a Vianna, e marchae pela estrada real, até Caminha; d'aqui segui a mesma estrada, ou pelo rio Minho até Vallença — depois vinde dizer-me, em consciencia, que *impressões* trouxestes d'essas viagens.

Com toda a certeza a vossa exclusiva adoração por Cintra ha de modificar-se.

* *

Não é meu proposito tratar aqui de nenhum d'estes sitios, nem a minha penna é digna de taes descripções: só Antonio Pereira da Cunha, João de Lemos, Pinheiro Chagas, e outros quaesquer escriptores como estes, cuja prosa seja uma verdadeira e maviosa poesia, e cuja poesia seja um hymno d'anjos, são dignos de escrever sobre tão arrebatadoras formosuras.

O meu unico proposito, n'este despretencioso artigo, é fallar do concelho de Castello de Paiva, tão deshumana e tão immerecidamente votado ao desprezo, pelos nossos archeologos, pelos nossos geologos e pelos nossos *touristes*, que todos tinham aqui tanto que ver, e tanto que estudar!

* *

É este concelho um dos mais bem *arredondados* de Portugal. Pelo N., termina-o o rio Douro; — pelo S., uma cordilheira de montanhas o separa do d'Arouca; pelo E., o rio Paiva o divide do concelho de Sinfães; — e pelo O., quasi sempre o rio Arda, e perto do angulo O. N. O., o ribeiro d'Arêja; vindo a formar o seu territorio um quadrado quasi regular.

* *

Dão a esta terra, com muita rasão, o titulo de *Suissa portugueza*. Os valles, os ribeiros, as devezas,

os soutos, as montanhas, os alcantís, os picos e as collinas, alternam-se de um modo pittoresco e surprehendente.

É de um encanto indizível, subir ao vertice de um môro, em uma madrugada da primavera. Os vapores que o Douro exhala, estendem-se horisontalmente por uma vasta superficie, com uma certeza perfeitamente mathematica. O observador, extasiado, vê a muitos metros abaixo de seus pés este oceano alvissimo, surdindo por entre elle, continentes, ilhas, rochedos abruptos, ermidas e logarejos, formando mares, canaes, archipelagos, lagos, bahias e promontorios.

Eis que surge o astro do dia: o nevoeiro dissipa-se, e com elle esta especie de *miragem*, e um novo e totalmente diverso panorama se desenrola a nossos olhos, vendo-se esta região, em toda a sua silvestre belleza e simplicidade. Os *continentes* transformam-se em cordilheiras; as *ilhas*, em collinas; os *rochedos*, em montes alcantilados; os *mares*, em veigas feracissimas; os *canaes*, em estradas, rios, ou estreitos valles. As ermidas e logarejos continuam á vista, fundados, como ninhos d'aguas, no cume dos alcantís.

Estas, outras muitas e variadas, são as impressões do simples *touriste*.

* *

E que vasto campo para estudo não offerece o concelho de Paiva, ao geologo instruido?

N'este territorio abundam com espantosa prodigalidade as minas de cobre, estanho, chumbo, arsenico, enxofre, pyrites de ferro, sulphuretos, ferro, e outros metaes e metaloides. Ha aqui uma mina de graphite (plombagina), uma extensa pedreira de formosa calcedonia (proximo á aldeia de Fulgosinho) muita variedade de quartzo e de schisto; e bom granito prophiroide, desde as *Pedras de Linhares*, (ponto do rio Douro) para NEE.

Ha uma grande pedreira de schisto laminoso, de optima qualidade, no ribeiro de *Guirélla*, e junto d'ella uma abundante veia de argilla carbonifera, tenacissima.

Na serra de S. Domingos, foi achada em 1860 uma pedra de tres kilogrammas de peso, que, segundo a apreciação do sr. João Baptista Schiappa de Azevedo, tinha 75 por cento de cobre; porém até agora não se deu com a mina a que essa pedra pertenceu.

Só está em lavra a mina de chumbo, de Gondarem, do sr. visconde do Freixo; todas as mais estão por pesquisar scientificamente.

Ha uma multidão de nascentes de aguas mineraes (todas pobres) que ainda não foram analysadas.

Na *Serra dos Terreiros*, 600 a 700 metros acima do logar de Pédorido (ao SO.) ha uma nascente de agua, poderosamente adstringente. É frigidissima e muito clara, sem cheiro algum, mas deixando, depois de bebida, um sabor pronunciado a *capa-rosa*. Tambem ainda não foi competentemente analysada.

De todas as minas de Paiva, a mais rica e mais vasta, é a de carvão fossil (anthracite). — A sua zona tem mais de 16 kilometros de comprido, de SE. a NO., desce da serra do *Valle da Avó*, até á quinta de *Germunde*, na margem esquerda do Douro. Anda em lavra no centro e na extremidade NO., e tem produzido muito e optimo carvão.

Muitos e em mui diversas partes são os vestigios que ha por aqui de trabalhos de lavra, executados pelos romanos e pelos arabes.

Pelas duas margens do rio Arda, ainda existem alguns poços e muitas galerias d'esse tempo; e tambem aqui se tem achado grande quantidade de *mós*, com que os antigos mineiros trituravam o quartzo (seixo) para depois extrahirem d'elle, pela lavagem, o ouro e a prata. (Porque tambem aqui ha minas d'este ultimo metal, ainda que muito pobres, na apparencia.)

Na serra da *Carraceira*, ha vestigios de grande lavra de minas metalicas; e ainda a um sitio d'alli se dá o nome de *Sete-Buracos*, em rasão de outras tantas galerias antiquissimas que ainda existem. (Fica proximo e a NO. a pedreira de calcedonia, de que já fallei).

Na serra do *Ramezal*, ha um sitio chamado *Cova da Moura*, onde se vê um poço que dá entrada a uma ampla galeria, e duas d'estas mais a baixo; evidentemente para lavra de metaes.

Estas obras de exploração muito precisavam ser examinadas por pessoa da arte. Talvez que encontrasse em boa via de lavra, uma boa mina de cobre; porque bem se conhece que esta mina foi entupida de proposito, para não ser descoberta.

Finalmente, em outras muitas mais partes d'este concelho, ha vestigios de trabalhos de lavra de minas, de tempos remotissimos.

Não fallo aqui nas celebres *rochas estriadas*, do rio Douro, que alguém pretende ter alli descoberto; porque é um *conto da carochinha*. O que á primeira vista parecem *rochas estriadas*, são as pedras riscadas pelo atrito das sirgas, com que se *álam* os barcos do Douro.

* *

Tratemos agora de archeologia, um dos dous objectos principaes da *Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, a que tenho a distincta honra de pertencer.

Ha no lugar de *Fundões* os restos de um pequeno templo romano, em cujo pavimento ainda se divisam bocados de mosaico, de varias côres.

No lugar de *Felgueiras*, appareceu, em 1861, em umas escavações, uma grande peça de mosaico, de côres, que se conserva na quinta da *Boa-Vista*, do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte Negro.

Em *Vegide*, ha uma capella, que foi templo romano, e depois (segundo a tradição) mesquita mourisca.

No monte de *Corvite* existiu um *almocabar* (cemi-

terio) arabe, do qual ainda restam cinco sepulturas, feitas a picão, sobre penedos rolados.

Isto que eu vi e examinei, fóra aquillo de que não tive noticia.

Mas todas estas cousas, na minha opinião, não são as que dão maior celebridade a esta terra; porque tambem outras as possuem, e ainda mais importantes. O que dá ao concelho de Paiva a verdadeira celebridade, é o grande numero de monumentos pre-celtas que por aqui a cada passo se encontram. Nenhuma terra de Portugal (que eu saiba) pôde competir com esta, a semelhante respeito; se não, vejamos.

Em *Monte-Grande*, proximo e a E. do lugar de Serradello, ha seis ou sete *mâmoas*. Na serra da *Cruz d'Ancia*, ha uma muito grande, e varias menores. Na serra da *Cascabalhosa*, ha duas. Em *Paradúça*, ha duas. Além de outras mais em diferentes pontos, que não fui vêr.

Não é preciso dizer, que estão todas arrombadas, pelos buscadores de *thesouros encantados*.

As *antas* estão com profusão espalhadas por diferentes partes d'este concelho, sendo as mais notaveis pela monstruosidade do seu tamanho, as dos logares da *Povoação*, do *Valle da Rua*, de *Cóvas* e de *Corvite* (onde está o *almocabar*, de que já fallei.)

* * *

Reservei, de proposito, para o fim, a menção de um monumento celta (ou pre-celta), incontestavelmente o mais notavel de Portugal, e do qual ainda até hoje ninguém (que me conste) tratou.

É um *dolmen*. Exceptuando o de *Andrenunes*, na serra de Cintra, é o maior de que tenho noticia n'este reino.

Está a uns 150 metros ao S. da margem esquerda do Douro, junto ao lugar chamado *Castello-de-Baixo*, ou *Inferno*, e em frente das *Pedras da Rua* (que são uns penedos espalhados pelo rio.)

A sua *mêsa* (se algum dia a teve) devia ser enorme, ou feita de varias peças. Eram sete as columnas ou esteios que a sustentavam, das quaes seis ainda estão completas, faltando duas terças partes da septima.

É indiscutivelmente o *dolmen* mais moderno do nosso paiz, pois foi já construido na *idade do ferro*, o que se evidencia pela certeza do corte das juntas das columnas, que cada uma é feita de tres ou quatro peças.

Eis tudo quanto ha de notavel n'este concelho (de que pude obter noticias e que vi e examinei) tanto em bellezas agrestes, como em geologia e archeologia.

Simples, mas dedicado amator das nossas cousas, escrevo ao correr da penna, sem galas de estylo, e com os seus nomes triviaes, o que d'esta terra me pareceu digno de menção, no *Boletim Architectonico e de Archeologia*.

Sirvam estas humildes e despretenciosas linhas de incentivo a algum esclarecido geologo e archeologo que se decida a ir a Paiva examinar e descrever depois scientificamente todas estas notabilidades.

Lisboa, 28 de Março de 1875.

AUGUSTO S. D'AZEVEDO B. PINHO LEAL

Socio effectivo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos effectuados no anno de 1874 lido pelo secretario na sessão solemne de 6 de maio de 1875.

SENHORES :

Em cumprimento do artigo 5.º dos estatutos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes vem o conselho facultativo d'esta associação apresentar-vos o relatorio dos seus trabalhos, respectivos ao periodo decorrido desde a ultima sessão solemne, que teve logar em 31 de Maio de 1874, até á presente sessão.

Procedeu-se em devido tempo ás eleições para os cargos no actual anno e ficaram reconduzidos os seguintes socios: o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, para presidente; o sr. conselheiro João Maria Feijó, para vice-presidente; para secretarios o sr. Valentim José Corrêa, (architectura) e o sr. visconde de Alemquer, (archeologia); e o sr. Carlos Augusto Munró, para thesoureiro. Igualmente se fizeram as eleições dos socios para as tres secções e ficaram contendo dezeseite membros cada uma, saindo eleitos, para a secção da theoria e historia da architectura o sr. João Maria Feijó para presidente, o sr. José Antonio Gaspar para secretario, e o sr. José Maria Cagiani para delegado; na secção de construcção e decoração, o sr. Filiciano de Souza Corrêa para presidente, o sr. Emiliano Augusto de Bettencourt para secretario, e o sr. Francisco José de Almeida para delegado; na secção de archeologia o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva para presidente, o sr. Ignacio Vilhena Barbosa para secretario, e o sr. Ernesto Augusto da Silva para delegado.

Foi approved por unanimidade pela assembléa geral o parecer apresentado pelo conselho facultativo, em que dava os esclarecimentos pedidos pela commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel do Castello de Guimarães; recebendo um voto de louvor o sr. conselheiro Feijó pelo serviço que effectivamente

prestou, indo examinar áquella cidade a igreja de que se tratava para informar circunstanciadamente o conselho a fim de poder este aconselhar devidamente a restauração que era conveniente levar a effeito n'aquella igreja.

O sr. Presidente apresentou duas propostas, sendo uma para que se destine uma medalha de cobre para a Real Associação galardoar quem para o futuro se distinguir em trabalhos e serviços de architectura, e em investigações e descobertas de archeologia, a qual foi approveda pela assembléa geral; a segunda para que se passe *certidão de aptidão* aos operarios que pela perfeição das obras que executarem sejam merecedores de obterem este documento, cuja proposta foi tomada em consideração pela assembléa e enviada ao conselho facultativo para dar o seu parecer sobre o modo pratico de realizar este pensamento.

Foi á cidade do Porto o sr. Presidente solicitar dos compradores do extinto convento de Monchique alguns objectos que se haviam pedido ao governo de Sua Magestade muito antes de ter sido posto em praça aquelle edificio e obteve do sr. Clemente Joaquim Guimarães Menezes uma importante inscripção hebraica, que já se acha depositada no museu.

Por uma carta do socio correspondente o sr. doutor Carlo Landberg ficou-se sabendo que ia enviar-nos algumas antiguidades achadas por este archeologo nas suas investigações feitas na Syria, tanto em escultura, como em objectos de ouro e manuscritos; e resolveu-se que se lhe agradecesse não só pelo importante serviço feito á sciencia como pelo donativo com que contempla a associação.

Recêbeu-se do sr. Augusto de Freitas Cavalleiro e Souza, de Torres Vedras, trinta e oito medalhas de cobre para a collecção do museu, e agradeceu-se a este senhor o seu donativo.

Por participação feita pela commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel de Guimarães, soube-se que nas excavações effectuadas n'aquella igreja foram encontradas as peças de que era composto o seu primitivo arco triumphal, o que dará mais merecimento ao louvavel fim de tão distincta commissão.

Concordou o conselho que a medalha de cobre fosse de 0^m,043 de diametro, destinada para galardoar os serviços prestados em architectura e archeologia, e tivesse emblema que dicesse respeito a estas duas especialidades.

Por proposta do sr. Presidente concordou o conselho, que o retrato para ser inaugurado no dia da sessão solemne do presente anno fosse o do architecto da cidade o sr. Eugenio dos Santos e Carvalho, e que se convidasse o socio o sr. Abbade Antonio Damaso de Castro, para se encarregar do elogio historico d'este artista; nomeando-se uma commissão composta dos srs: Joaquim Possidonio Narciso da Silva e Francisco José d'Almeida para apresentarem este convite, e pe-

direm a Sua Ex.^a que se dignasse de o aceitar; ao que se promptificou com a mesma boa vontade com que sempre este distincto socio se tem prestado por tantas vezes a obsequiar a associação.

Em 27 de Dezembro ultimo remetteu o conselho a sua consulta ao presidente da commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel do Castello de Guimarães, o sr. reverendo José Ferreira Caldas; o qual em nome da referida commissão muito agradeceu.

Pelo sr. Presidente foram-nos entregues tres medallas, sendo duas em cobre e uma em prata dourada, todas primorosamente gravadas, que o director do museu numismatico de Gothenbourg o sr. Lagesberg enviou para a colleção de medalhas no nosso museu, e ficou aquelle senhor encarregado de agradecer este donativo.

O nosso socio effectivo o sr. Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal offereceu para a nossa bibliotheca quatro volumes do dicionario, *Portugal antigo e moderno*, publicação bastante importante e de muito merecimento feita por este cavalheiro, cujo brinde se agradeceu.

Tendo recebido o conselho um pedido do photographo francez o sr. Pomard, para tirar a photographia das naves d'este edificio, acompanhado d'uma carta em que se expressava inconvenientemente, deliberou o conselho por unanimidade que, em attenção á maneira desattenciosa como procedeu, lhe fosse negada a licença.

A Academia das Bellas Artes de Madrid agradeceu a offerta do nosso jornal, que se lhe tem enviado logo que se vae publicando qualquer numero.

Apresentou o sr. Presidente no primeiro dia do mez proximo passado parte do catalogo provisório do museu archeologico com a designação dos objectos ali existentes, contendo seis epochas e dividido em diferentes series, e o conselho lhe pediu que terminasse este trabalho para depois revel-o e ser impresso.

O vice-consul da Russia em Gibraltar Mr. L. Power na sua vinda a Lisboa procurou o sr. Presidente a fim de lhe offerecer, para ser depositado no museu, um braço portuguez que trouxe de Marrocos e por elle descoberto em Magassar, do tempo d'El-Rei D. Manoel. O sr. abbade de Castro offereceu tambem tres azulejos antigos da igreja de S. Roque de Lisboa; e o sr. Pinho Leal dezoito moedas de diferentes epochas. Agradeceu-se a todos estes senhores.

Por parte da commissão encarregada da restauração da igreja de S. Miguel de Guimarães, agradeceu em 5 d'Abril o sr. reverendo José Ferreira Caldas os serviços prestados por esta associação e pediu que se continuasse a auxiliar aquella commissão com os desenhos para o altar e pulpito.

Foi lida na sessão de 9 de Abril a traducção da lapide que veio do extinto convento de Monchique, devida ao especial obsequio do sr. Joshua Levy, que se

encarregou de a decifrar; approvando a assembléa que se agradecesse a este cavalheiro o seu obsequio e o serviço prestado á sciencia epigraphica.

Propoz o sr. Presidente que visto o pouco espaço coberto de que se pode dispor n'este edificio para os objectos archeologicos que de dia para dia augmentam, se pedisse ao governo um subsidio para com elle se poder cobrir uma outra parte do mesmo edificio; cuja proposta foi approvada pela assembléa geral e nomeou uma commissão composta dos srs. Presidente, conselheiro Feijó, Silva Leal, José Loureiro, e Antonio Gaspar para se occupar d'esta pretensão que tem tambem por fim proporcionar maior conservação ao monumento do condestavel D. Nuno Alves Pereira.

A respeito do jornal da associação delegou o conselho a gerencia, direcção da publicação, sua distribuição, e venda ao sr. Presidente, devendo apresentar as competentes contas no fim da serie de 12 numeros.

Mandou-se abrir o cunho para a medalha commemorativa dos serviços architectonicos e archeologicos ao sr. Molarinho, residente na cidade do Porto pela quantia de 135\$000 réis, sendo o desenho do socio José Maria Caggiani, que mereceu os elogios do conselho e tributou-lhe os devidos agradecimentos.

Uma outra proposta apresentou o sr. Presidente, para que se mande gravar nos pedestaes das columnas das naves d'este edificio os nomes dos homens distinctos nas letras que n'elle foram sepultados; cuja proposta foi approvada pela assembléa geral e remettida ao conselho facultativo para do melhor modo levar a effeito este justo tributo de veneração áquelles varões illustres.

Soube com bastante satisfação a assembléa geral, ter sido conferido o habito da ordem scientifica de S. Thiago ao nosso socio architecto o sr. Lucas José dos Santos Pereira encarregado da restauração do convento da Batalha.

Foi proposto pelos socios os srs. Costa Goodolphim e Francisco José d'Almeida que se lançasse na acta um voto de felicitação por haver o Instituto de França nomeado, em 12 de Dezembro ultimo, ao sr. architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva membro d'aquella distincta corporação; no que a assembléa concordou por unanimidade.

O sr. visconde de Alemquer depositou no museu uma moeda de cobre do tempo de El-Rei D. João II, e o sr. abbade de Castro uma de prata do tempo de El-Rei D. Afonso VI.

O sr. Pinho Leal offereceu duas aguarellas, uma sendo de um dolmen e a outra d'uma antiquissima construcção, existentes em Castello de Paiva, trabalho por este senhor effectuado, e que bem mereceu os louvores da assembléa geral; assim como offertou uma mostra de carvão mineral encontrado na mesma localidade.

Fez-nos saber o nosso socio o sr. visconde de S. Januario que nos ia enviar uma colleção de instrumentos antigos chinezes para serem depositados no museu.



Alfredo Litz.

Lithographia da Imprensa Nacional.

NO LOGAR DA AZA DA URNA



URNA DA NÉCROPOLE ROMANA DESCOBERTA EM ALCACER DO SAL

A bibliotheca d'esta associação tem sido augmentada com diversas publicações, com que os nossos dignos socios nacionaes e estrangeiros se hão esmerado em a contemplar.

Na ultima sessão da assembléa geral o nosso digno socio thesoureiro o sr. Carlos Augusto Munró apresentou o relatorio e contas da sua gerencia, pelos quaes se ficou sabendo que os socios que pagam as respectivas quotas são em numero de 51, que a receita foi de 655\$805 réis, e a despesa 567\$714 réis, havendo um saldo que passa para o presente anno, de 88\$091 réis; e foi nomeada uma commissão composta dos srs. José Loureiro, Pinho Leal e Costa Goodolphim para examinar as referidas contas e dar o seu parecer.

Novos socios effectivos portuguezes vieram auxiliar os nossos trabalhos, e são: os Ex.^{mos} Srs. Bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos e Silva, conselheiro o Dr. Jacinto Eduardo Brito de Seixas, Delphim Guedes, Augusto Soares Barbosa de Pinho Leal, Antonio Maximo de Carvalho, José Geraldo da Silva Sardinha Dr. J. R. da Cunha Aragão Mascarenhas, José Telles Caldeira de Castello Branco, e Joshua Levy; bem como os socios correspondentes estrangeiros e membros do Instituto de França, visconde Delaborde, marquez de Caligni, Eugenio Guillaume, director da Escola das Bellas Artes de Paris, e Vean Koof Iddekinge, director do museu de Leyde; e os socios correspondentes portuguezes os srs. Joaquim Xavier de Paiva, de Setubal, Antonio de Faria Gentil, de Alcacer do Sal, Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Souza, de Torres Vedras.

Tivemos o grande desgosto de perder o distincto socio o sr. marquez de Rezende, que se finara no mez proximo passado e que pelo seu saber e valiosos serviços que prestou ao paiz mereceu a veneração de todos; e por proposta do sr. visconde de Alemquer foi lançado na acta um voto de sentimento por tão lamentavel perda, que unanimemente foi approvada pela assembléa geral.

Por tanto senhores, pelos factos expostos conheceis que a prosperidade d'esta Real Associação não tem diminuido e que devemos aos esforços de todos aquelles que apreciam e presam devidamente as bellas artes, as investigações archeologicas e o credito do paiz e seu progresso; servindo este resultado para mais nos convencermos de que continuando firme em tão louvavel proposito de que voluntariamente nos incumbimos, hão de continuar essas coadjuvações, e se ha de obter a consideração e estima de que tão importante e util instituição é merecedora.

Lisboa, 6 de Maio de 1875. Sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

O Secretario

VALENTIM JOSÉ CORREIA.

ARCHEOLOGIA

Uma Necrópolis romana em Portugal

Não se ignora o costume dos antigos romanos com respeito ás sepulturas dos seus finados, já sendo os cadaveres enterrados no seu estado natural, como no tempo da republica; já reduzidos a cinzas, como no tempo do imperio; assim como a veneração que elles, como os povos da mais remota antiguidade, consagravam aos mortos; costumando os romanos sepultal-os fóra das portas das suas cidades em magnificos tumulos, com que ornavam as saídas das estradas, e entre ellas a *via Appia* em Roma, na extensão de 13 milhas, annunciando esses sepulchros a grandeza da cidade poderosa do mundo, indicando as inscrições d'esses monumentos a serie de heróes que a haviam illustrado e grangeado a admiração dos outros povos seus contemporaneos: pois que, quer d'um modo, quer d'outro, sempre estão juntos aos despojos mortaes que ellas encerravam diferentes objectos que haviam pertencido ao fallecido, e que elle tinha estimado mais durante a existencia. Tambem os romanos escolhiam, nos paizes onde dominaram, para os seus cemiterios que ficassem situados nas vertentes das collinas do lado do poente; tendo-se confirmado esta disposição pelas descobertas feitas nas Necrópolis da Allemanha, França, Hespanha, e agora no nosso solo.

Em Portugal ainda não se tinha achado uma Necrópolis pertencente a uma grande povoação, muito embora se tivessem feito em diversas localidades descobertas parciaes de sepulturas romanas, e nas quaes se encontraram igualmente objectos que caracterizam a sua origem e praticas do seu rito; porém no mez de maio do anno findo, em Alcacer do Sal (*antiga Salacia*), na propriedade do senhor Antonio de Faria Gentil querendo-se nivelar um terreno occupado por um olival, afim de se estabelecer um calcadouro para uma eira, removendo-se a terra necessaria para tornar a superficie horizontal se descobriu na profundidade de 0,25 centimetros, freios de ferro e folhas de espadas, outras com punho de bronze cinzilhados; fibulas de bronze, vasos lacrimatorios, lampadas mortuarias de barro, moedas, etc., etc.; mas o que causou bastante surpresa, e muito mais augmentou a admiração encontrando-se entre esses objectos um retrato em argilla coberto de estuque colorido de toda a perfeição, além de quatro urnas de diversas grandezas no estylo e trusco, contendo cinzas!

Serviam-se os romanos de varias urnas para a incineração, tanto de crystal, marmore, de barro e mesmo de metal, conforme a categoria e a fortuna do fallecido, mas não se havia ainda descoberto em parte alguma, nas suas necrópolis, urna de similhante quali-

dade d'aquellas que foram achadas em Alcacer do Sal, e da epocha de Claudio, conforme indica a moeda que encontraram junto d'ellas!

O achado de uma mascara e a execução d'este trabalho eram casos raros e tambem dignos de occupar a seria attenção dos archeologos de todos os paizes.

É verdade terem os romanos a particularidade de mandar tirar mascaras em cera dos finados para estarem patentes no peristyllo de suas habitações na occasião dos enterramentos, para serem depois conservadas pelos parentes dos finados; e não obstante esse costume, todavia são rarissimas as que se teem descoberto na Italia. D'este facto se comprehende qual será a importancia de semelhante achado feito no nosso paiz: portanto tivemos sem demora o cuidado de participar aos sabios estrangeiros os mais notaveis da sciencia, pedindo-lhes a sua opinião a este respeito para se explicar este singular descobrimento.

Infelizmente, os trabalhadores quebraram duas d'estas urnas; porém a maior, a mais bem conservada, da qual a estampa n.º 10 do presente numero dá perfeita idéa das pinturas que a ornam na grandeza do original, mostrando-se na composição do assumpto o destino da urna, conforme o que se praticava nas ceremonias funebres na Etruria. Esta urna tem 0,25 centímetros de alto, e o contorno com 0,51 centímetros. Na face principal está representada uma mulher segurando um brazeiro, havendo dois mancebos, um de cada lado munidos de grandes espetos na acção de assarem carne, allusivo á derradeira refeição; por detraz d'elles, um ancião com a mão esquerda sobre o coração indica com o braço direito estendido uma arvore, que em face d'elle um homem no vigor da vida arranca uma folha, evidente representação da immensa dor que causa a perda de um membro da familia, que está symbolisado na folha arrancada da arvore. A representação da scena do lado opposto d'esta urna, posto que a côr ennegrecida do fundo desaparecesse por causa da humidade do terreno, todavia ainda se descobre um pouco o contorno de tres figuras de que se compunha a pintura, constando de dois guerreiros nus; um d'elles tem sobre a cabeça um capuz com duas palas caidas sobre os hombros; o outro com a cabeça descoberta, mas apresentando uma cauda de cavallo na extremidade da espinha dorsal; entre elles ha uma mulher sustendo na mão esquerda um escudo oval e parece proteger com elle o guerreiro que tem o capuz, em quanto com o braço direito levantado quer evitar que o outro combatente ataque com a lança o seu adversario. Nota-se a differença entre os dois athletas, para indicar serem de raças diversas, sendo as scenas d'esta natureza representadas nas urnas étruscas de inceneração para significar que a nossa existencia é sempre uma luta constante, e sómente a morte lhe põe termo; como mostra a interrupção do combate pela

attitude da figura que faz cessar a contenda, por que se finou um ser.

Os romanos serviam-se de artistas gregos para lhes fabricarem urnas, porém as suas pinturas representavam scenas menos sanguinolentas; em quanto que as pertencentes aos étruscos eram sempre compostas de combates; além de que a epocha em que o fundo das pinturas não era a propria côr da argilla, mas sim preto, corresponde ao maior desenvolvimento da arte grega: todavia, será mais difficil explicar como no tempo do imperador Claudio se teriam servido d'esta qualidade de urnas nas ceremonias funereas, e isso na antiga Lusitania! Os archeologos mais felizes e mais competentes resolveram esta singularidade, elucidando com o seu saber tão extraordinario descobrimento.

J. DA SILVA.

MONOGRAPHIA

DA

EGREJA MATRIZ DA CIDADE DE LISBOA

PELO SOCIO

O ABBADE ANTONIO DAMASO DE CASTRO E SOUSA

(Continuado da pag. 68 n.º 5)

Egrejas comprehendidas no Districto da Sé

Real Casa de Santo Antonio da Sé, mandada edificar por El-Rei D. João II no proprio logar das casas em que nasceu Santo Antonio. Caiu pelo terremoto de 1755; o senado da camara a fez de novo, com grandeza.

Ermita de Nossa Senhora da Caridade, ao lado do nascente da Sé, fundada pelos Irmãos da Caridade, em 1747: tambem caiu e foi reparada.

Ermita de Nossa Senhora da Consolação: ficava sobre a Porta de ferro, ou Arco da Consolação, e n'ella se dizia missa quando havia padecente, a fim que este adorasse ao Senhor, na occasião que ali passava para o supplicio.

Querendo El-Rei D. João V erigir na sua Real Capella de S. Thomé, dentro dos Paços da Ribeira, uma Cathedral metropolitana patriarchal, recorreu ao Papa Clemente XI, pedindo-lhe para isso auctorisação, que lhe foi concedida por bulla expedida aos 7 de novembro de 1716, a qual dividia Lisboa em duas Metropoles, Arcebispado e Patriarchado.

Pelo que ordenou El-Rei por o alvará de 15 de janeiro de 1717 que houvesse em Lisboa duas cidades uma oriental e outra occidental, pertencendo esta ao Patriarchado, e a oriental ao Arcebispado.

Arrendido depois, e desejando que a jurisdicção

metropolitana patriarchal fosse omnimoda, dirigiu-se novamente á côrte de Roma, requerendo nova bulla, que o Papa Benedito XVI lhe concedeu em 13 de dezembro de 1740, extinguindo a Sé de Lisboa oriental, estabelecendo uma egreja patriarchal, em consequencia do que tornou Lisboa a ser uma só cidade, por decreto de 31 de agosto de 1741. Extincta a Sé oriental, passou esta a denominar-se *Basilica de Santa Maria Maior*.

Toda esta grandeza, que causava inveja á côrte de Roma, acabou por um decreto do poder secular, datado de 4 de fevereiro de 1834, que extinguiu de sua propria auctoridade a Capella Real, e Santa Egreja Patriarchal, restituindo-se, pelo mesmo decreto, á Basilica de Santa Maria a categoria de Sé Metropolitana, que d'antes lograra; incorporando-se os bens de uma e outra egreja nos proprios nacionaes.

Finalmente o Papa Gregorio XVI pela bulla *Quamvis æquo* de que de novembro de 1834 extinguiu de direito as duas egrejas, Patriarchal e Basilica de Santa Maria, restabelecendo aqui a antiga Sé Metropolitana de Lisboa. Passados quasi dez annos veio a citada bulla a obter o beneplacito regio, em 10 de maio de 1844, e deu-se-lhe execução por sentença de 30 de julho do mesmo anno.

Sendo necessario reparar muitos estragos n'esta egreja, transferiu-se a Sé para S. Vicente de Fóra e a Parochia para a Conceição dos Freires; e passados sete annos voltou a Sé com a Parochia para a sua egreja, em domingo da Santissima Trindade, 22 de maio de 1864; e já na quinta feira do Corpo de Deus, 26 do dito mez, saiu d'aqui a procissão da Cidade.

As columnas que se observam no Portico da Sé têm figuras que mostram ser symbolicas (o uso dos symbolos, ou divisas, é cousa antiquissima, mas quasi nada se encontra nas historias profanas que não pareça fábula), acham-se intercaladas a esmo e sem symetria com outras, que só têm labores de meio ornato. As que parecem symbolicas são as seguintes:

Da parte direita da entrada: uma mulher entre duas pequenas figuras, que parece Leda com os dois filhos, Castor e Pollux, os gêmeos do mez de maio.

Um genio com quatro azas, entre dois delphins, que significarão os delphins de Amphitrite. Peixes do mez de fevereiro. Da parte esquerda: uma mulher coroada entre dois ornatos, que denotam no feito geral duas pavêas de trigo: talvez a deusa Ceres, symbolo d'agosto.

Um Hercules sobre o Leão, tendo na mão a maça, symbolo de julho. Na face contigua do mesmo capitel: um touro cavalgado por uma mulher que denota ser a Europa, symbolo de abril.

Na entrada aonde está a guarda da Sé, ha tambem pedras com ornatas antigos. Descendo a escada se vêem ruínas antigas d'este vetusto edificio, e do palacio dos bispos e arcebispos de Lisboa.

Desde o anno de 1173, em que se fez a trasladação

do corpo de S. Vicente martyr, do Sacro Promontorio para esta cathedral, que ali se conservavam sempre dois corvos, para memoria.

A sua primitiva architectura, a qual externamente é grosseira, pertence áquelle estylo mixto e oriental a que chamam bysantino. Quanto ao frontispicio principal do antigo templo, vê-se por uma estampa que vem na obra, *La Galerie Agréable du Monde*, tom. I, que as torres eram compostas de corpos que terminavam em altos coruchéos.

As que actualmente adornam a fachada, é provavel que fossem erguidas no anno de 1373, por El Rei D. Fernando I, quando mandou cercar de novos muros e altas torres a cidade de Lisboa.

Tinha a egreja da Sé, de largo 96 palmos, e de comprido da parte principal até o altar-mór 264 palmos; formava um cruzeiro regular coberto de uma boa cupula, cuja altura até ao pavimento era de 120 palmos, isto antes do terremoto de 1755. (Veja-se Descripção Funebre das Exequias, que a Basilica Patriarchal de Santa Maria dedicou á memoria do fidelissimo Senhor Rei D. João V, pag. 8 por Bento Morganti. Lisboa MDCCL.)

Tem duas ordens de columnas que formavam tres naves em arcos correspondentes.

No anno de 1776, notando El-Rei D. José I que a Sé cathedral de Lisboa tinha recebido grande ruina pelo terremoto de 1755, ordenou por carta regia de 17 de fevereiro do citado anno de 1776, fossem as rendas que estavam destinadas para o seminario, erecto por El-Rei D. João V, em 1741, para a reedificação da egreja cathedral, que terminou no anno de 1786. Foi nomeado intendente da obra o Reverendo Conego da mesma egreja Antonio José da Cruz.

O importante cartorio da Sé de Lisboa ardeu todo pelo fatal terremoto de 1755; foi uma perda irreparavel a muitos respeito.

Inscripções e epitaphios da Sé

Ao entrar o portão de ferro, do lado direito ha uma lapida com uma inscripção em letra gothica que diz o seguinte:

*Tunc anni Dñi cum centum mille notantia
Cumque quater decies, quatuor atque tribus
Tunc per Xpiolas urbs est Lisboa capta
Et per eos fidei reddita Catholic.*

Da sobredita inscripção se acha copia em letra moderna, n'outra lapida fronteira, com o addicionamento seguinte:

*Estes versos latinos que estão na pedra fronteira
se traduzirão no anno de 1654.*

*Conta como esta cidade, foi tomada aos mouros no
d. 1147, e d. S. Chrispi.*

Na pia baptismal, em que foi regenerado o nosso Santo Antonio de Lisboa, se gravou o seguinte distico :

*His sacris lustratus aquis, Antonius Orbein.
Luce Beat, Paduam corpore, mente Polum.*

Capella de Santa Catharina, hoje do Sacramento

Esta capella instituiu e fundou D. Garcia Frois no anno de 1360 e a dotou de certos bens, e mandou que pelos rendimentos d'elles lhe fizesse o cabido d'esta Sé humas 16 capas para o dia de S. Gervasio, e lhe dissesse 8 anniversarios cada anno para sempre.

Do que é administrador Antonio Frois.

Na charola, por detraz da Capella mór em um padraõ de pedra está uma cadeira de pedra, na qual, segundo a tradição, se sentava El-Rei D. Affonso IV.

Era MCCCCLXX em 5 de abril o mui alto principe D. Affonso IV pela graça do Senhor Rei de Portugal e dos Algarves, filho do mui nobre Rei D. Diniz por essa mesma graça Rey dos sobreditos reinos, mandou e fez edificar e acabou á sua custa esta capella com charollas, e todas as detraz capellas de redor d'ella, á honra e louvor de Deus, e da sagrada e gloriosa Santa Maria, e do martyr S. Vicente padroeiro e columna de pedra dos reinos de Portugal e dos Algarves, e dos naturaes e moradores dos ditos reynos, na qual capella o dito Senhor Rey elegeu sepultura com a Rainha, D. Brites, sua mulher, para si e seus filhos, e para os outros de seu sangue, que d'elles descendirão por direitas linhas, os quaes os Senhores, Rei e Rainha, e seus filhos mantenha Deus em seu serviço, e os levem quando d'este mundo sahirem para o seu santo reyno e paraíso. Amen.

Descripção e legenda do antigo sino do relógio da Sé de Lisboa, tal qual a traz Bento Morganti, a pag. 25, a 31 da 1.^a collecção dos Papeis Anonymos, publicada em 1754.

Tinha este sino d'altura até ás presilhas 7 palmos e 1 $\frac{1}{2}$ pollegada.

De diametro pela parte exterior 8 palmos e 5 pollegadas.

E de circumferencia pela parte exterior 24 palmos e meio.

Era cercado com 3 circulos de letras gothicas bastanteamente damnificados e nos vãos que ficavam entre os letreiros tinha diversas armas da mesma sorte, consumidos do tempo, e alguns sellos igualmente arruinados.

O primeiro letreiro junto ás presilhas era da fôrma seguinte:

*Sæ: mtanipana: dcantus: como: da Sana: lando:
Deum: resum: voce: pou: lund.*

*Dongrego: clerum: defunctos; fluo: Tham fugo:
festro, decoao.*

Ainda que estes caracteres gothicos depois de averiguados no seu original não são dos mais difficultosos, contudo pareceu bem reduzil-os aos romanos, para ficar mais facil a sua lição, supposto haver algumas dicções erradas, e outras truncadas; e diz este primeiro letreiro :

Bce intanissua dicunstin comoda sana lando.

Deum verum voco populian congreco clerum defunctos ploro salham fugo festa de coro.

2.^o letreiro :

*Bngele: qui: meus: es: custos: pietati: sussemas:
me: tibs: comi: sum: sana: dcfreude: guberna:
menteu: santam: spontaneam honorem Deo:
et parts
e liberationem:*

*Bngele qui meros e custos pretats superna me tibi
canissum salva defende guberna mentem sanctam
spontaneam honoreur Deo, et patria liberationem.*

3.^o letreiro em portuguez :

*E na era de Mil: III: CCC: e: XV: annos:
foy: feyto: este: sino: de relógio: muy: nob: cidade:
de Lisboa: por: mandado: do: mui: nobre: Rey:
Dom: Fernando: de: Portugal: et: do: muyto: honrado:
cabido: da dicta: cidade: de Lisboa: dos homes boas:
data: cidade: Mastx: Johann: Frances: me fiz.*

Na era de 1315 annos foi feito este sino do relógio em a mui nobre cidade de Lisboa, por mandado do mui nobre Rey D. Fernando de Portugal, e do mui honrado cabido da dita cidade de Lisboa dos homens bons da dita cidade. Mestre João Francez mofez.

A sobredita era (1315) está errada, pois deve ser (1415), que é o anno de Christo 1377; porque D. Fernando começou a reinar no anno de 1367 e morreu em 1383.

A collocação do sobredito relógio foi pouco depois da fortificação de Lisboa, como se vê da inscripção existente no muro junto ao Arco da Mouraria, vindo do Castello:

O mui: Nobre: e mui: alto: Rey: Don: Fernando: de Pur

tugal: e: Filho: do: mui: Nobre: Rey: Don: Pedro: e: Neto do: mui: Nobre: Rey: Don Afonso: olhando: como: a: mui:

Nobre: sua: cidade: de: Lixboa: seja: uma: das mais:

Nobres: cidades: que: ha: em: todalas: partes: do mundo:

e: como. esa: Cidade: mais: nobre: fose: fora: da: cerca: velha:

que: seus: bisavos: ganharam: aos mouros: po-

rem: mando: fazer: esta: cerca: nova: e foi: començada: era: de:

mil: e: quatro: centos: onze: annos se: acabou: em: quatro: centos treze: annos: per: seu: mandado: foi dela regedor: Gomes: Martins:

de. Setebal: que: foi: seu: capitan: en: seus: Reinos: e: seus: Reinos: e: su: ovidor: da: sua: corte: e: coregador: por: el: na:

dita. cidade: e: Lourenco: Duraes: Escrivan: do: concelho: e: Johans: Fernandez: e: Vasco: Bras: Meestres: do dito muro.

Todo o referido está conforme lettra por lettra, ponto por ponto, com o que refere Bento Morganti, no lugar citado e referida inscripção ainda existente á Mouraria.

(Continúa)

CHRONICA

—O distincto vice-presidente da nossa associação o ex.^m sr. conselheiro João Maria Feijó recebeu de sua magestade a mercê da commenda da ordem de merito scientifico de S. Thiago. Os profundos conhecimentos que possui s. ex.^a na architectura civil, os seus longos e prestantes serviços feitos á sciencia e ao seu paiz ha muito que lhe davam jus a esta merecida distincção; e não só galardoou o saber e o nobre caracter do agraciado, como veio tambem reflectir essa honrosa graduação na classe a que tão dignamente pertence: regosijamo-nos pois muito por tão justo motivo, e felicitamos sinceramente ao nosso respeitavel collega pela mercê que lhe acaba de ser conferida pelo soberano.

* *

O nosso insigne socio correspondente o commendador Mr. J. de Rossi vem de fazer uma importante descoberta em Tormarancia (Roma) d'um epitaphio grego do II seculo, nas excavações das catacumbas de Dimittilla, tendo os nomes: Flavius Sabinus Titiana, sua irmã. O irmão de Fabius era Vespasiano, que descendia do ramo dos christãos e dos martyres d'esta nobre familia.

Este distincto archeologo teve igualmente a fortuna de descobrir n'este mesmo local, uma das columnas que, conforme o uso antigo, sustinha o Tabernaculo do altar, tendo esculpturas em baixo-relevo, que foram executadas no seculo IV.

* *

—A Madeira produzida na Irlanda tem a propriedade de não deixar crear insectos e têas de aranha; pois

que nos tectos antigos executados com esta qualidade de madeira e mesmo tendo obra de talha nunca appareceram as têas, não obstante facilitarem tanto as saliencias dos ornatos para serem n'elles tecidas essas redes.

* *

Dos nomes dos artistas gregos encontrados nos vasos pintados na ceramica da Grecia, eram sómente conhecidos 16; dez tinham sido descobertos em Athenas; quatro nos vasos de Corinthio; um n'uma jarra de Eginia; outro em um vaso da Biotica; porém Mr. O. Rayet, encontrou agora mais dois sobre vasos achados em Tannagra.

* *

—Mr. Sawelle fez ultimamente uma descoberta bastante rara de duas lages designadas *Sigilium*, que se collocavam selladas sobre os altares.

Fazia-se na *mensa* uma cavidade, que foi chamada —sepulchro— podendo ser feita em tres logares na pedra do altar a qual era fechada por uma lage, e depois o bispo punha-lhe o sello com cinco cruces, para symbolisar as cinco chagas de Jesus Christo. N'essa cavidade mettia-se uma reliquia, ou particulas da Eucharistia, ou grãos de incenso.

* *

Foi convidada a nossa associação pelo Reverendissimo arcebispo de Braga para se eleger um socio architecto, a fim de fazer parte do jury que deverá julgar os projectos do novo edificio para os orphãos do collegio de S. Caetano d'aquella cidade; tendo sido eleito o socio sr. Cezario Augusto Pinto para desempeñar esta honrosa commissão.

* *

O numero de obras de Bellas-Artes expostas n'este mez em Paris sobe a 2.300; havendo 78 concorrentes na architectura, no numero dos quaes ha tres estrangeiros, um inglez, um da Crimea e outro da Roumania.

* *

Em New-York vão substituir o modo de serrar, servindo-se de um *fio de platina aquecido a branco* por meio d'uma corrente electrica, podendo-se serrar as madeiras mais rijas sem difficuldade.

* *

O afamado archeologo Mr. Abbade Bourgeois descobriu um deposito da idade de bronze em Theil (França); e entre os differentes objectos, ha uma cintura em bronze composta de tres renques de aneis reunidos por argolas, tendo pingentes com a configuração

de folhas de louro; um capacete do feitio de mitra composto de duas chapas reunidas por pregos de cabeça conica; sendo este objecto o mais importante, pois tirou a duvida que não pertenciam taes objecto á idade de ferro, porque os d'essa época apresentam um outro trabalho muito differente do capacete achado n'este deposito da idade de bronze.

O digno socio o sr. visconde de S. Januario teve a extrema generosidade de trazer da China uma collecção de instrumentos de musica para o museu do Carmo, que pelo seu singular feitio e effeitos sonoros offerecem bastante curiosidade no seu exame.

O saber musica na China é um preceito para todas as classes da sociedade, e não se pratica acto nenhum publico sem ser acompanhado ao som de musica: e mesmo nas construcções civis, não se abrem os caboucos, não se ergue uma columna, não se assenta um portal ou janella, nem se colloca o pau de fileira e se cobre o edificio sem serem estes trabalhos acompanhados por peças de musica destinadas para esse fim, porém os executantes não podem ser mais de sete para solemnizar esta cerimonia.

O 3.º livro das leis do imperio se determina qual deverá ser o feitio, o tamanho e o numero de cordas que deverá ter cada um dos diversos instrumentos, sendo esta observancia fielmente seguida desde 2255 annos antes da era de Christo até ao presente.

O chefe geral dos musicos tem o titulo: *O conservador das cinco virtudes capitaes necessarias ao homem.*

Os chins não conhecem o uso das notas da musica; mas têm a sua escala fundada por cinco tons; *kun, chan, kio, tche, e yu*, que correspondem a fá, sol, lá, dó, ré; e dois semi-tons *pien-kung, e pien tche*, mi e si.

Elles distinguem oito especies de sons, indo buscal-os a differentes corpos sonóros creados pela natureza; sendo pela sua ordem; 1.º, á pelle dos animaes; 2.º, á pedra; 3.º, á argila cozida; 4.º, aquelle produzido pela seda; 5.º, ao metal; 6.º, á madeira; 7.º ao bambú; 8.º, ás cabaças.

A caixa dos primitivos tambores era formada de barro cosido, conservando-se-lhes sempre o feitio d'um barril; posto que seja feita agora de madeira.

Compõem-se estes instrumentos de musica que se acham expostos no museu de 16 feitios differentes, sendo os seus nomes os seguintes; e damos tambem aquelles correspondentes aos instrumentos usados na Europa, a saber:

Clarinetta grande	Clarinetta pequena	Compasso
<i>Tae-tia</i>	<i>Sin-tia</i>	<i>Hiam-peau</i>
Cithara	Bandolim	Batega
<i>Zaun</i>	<i>Pi-pa</i>	<i>Tum-lo</i>
		Flauta (duas)
		<i>Nam-saiav</i>

Guitarra	Pratos	Rebeca	Salterio	Timbre
<i>In-ken</i>	<i>Tae-chea</i>	<i>I-ieu</i>	<i>Jain-gam</i>	<i>Tá-og</i>
Tambor	Tamborim	Tam-tam		
<i>Cu</i>	<i>Sin-cu</i>	<i>Lo</i>		

* * *

— A antiquissima torre quadrada do XII seculo que flanqueava a igreja matriz de Marvilla (em Santarem) que foi ultimamente demolida, porque tirava a vista a umas casinhas de moderno aspecto, tinha encravado na sua base um tumulo dentro de um arco ogival, sem ter epitaphio que designasse a quem elle pertencia; por maiores diligencias que para isso nós empregamos: mas como era urgente arrasar tudo, demoliu-se tambem o tumulo, encontrando-se a ossada de um individuo e parte da mortalha, que mostrava ser de seda, e restos de fitas; todavia o nosso socio correspondente o dr. José de Freitas Amorim encontrou um documento que lhe foi preciso consultar em que declarava pertencer o tumulo a Francisco Barbosa, fallecido no principio do seculo XVI, e era filho de Gonçalo Gil Barbosa e de D. Mecia Mendes de Aguiar. Gonçalo Gil, alferes da ordem de Christo, acompanhou el-rei D. Sebastião para Africa, e foi havido por morto; porém appareceu depois (por ter fugido ou ser resgatado dos mouros), e veio morrer a Santarem. Por esta fórma fica explicado a quem pertenceu o referido tumulo, que por tão largos annos se ignorou a pessoa que estaria n'elle sepultada: não podemos salvar a torre antiga de desaparecer do local da sua fundação, mas conseguimos fazer reviver a memoria de um nome illustre na historia patria.

Um rico objecto de esculptura de apurado gosto artistico do fim do XIV seculo, acha-se agora depositado no museu archeologico do Carmo, é o magnifico tumulo d'el-rei D. Fernando I, o qual estava na igreja profanada de S. Francisco de Santarem, e ha muito já vazio e quebrado, como havia notado Garret em 1833, lastimando então a sua ruina e abandono.

Este lindo sarcophago de fórma abaulada com primorosas esculpturas em todas as suas faces, compõe-se de 22 grandes escudos e de 32 bustos de esmerado lavor. O seu comprimento é de 3 metros, altura 1,80 centimetros, largura 1,15 centimetros; tendo de pezo 3.500 kilogrammas.

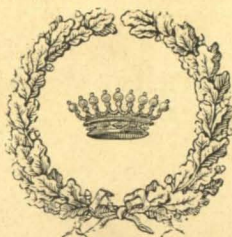
Nos intervallos que ha entre os escudos e os circulos dentro dos quaes occupam o espaço, foram esculpidas figuras grotescas de singular composição, notando-se um alchimista sentado em uma poltrona mirando um frasco, porém está prezo a uma corrente que do pescoço termina a um cêpo que se vê aos seus pés, afim de que os seus maleficios não possam ser nocivos aos homens.

J. DA SILVA.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



MR. ARCISSE



DE CAUMONT